

A DOMINAÇÃO MASCULINA

O título do livro é já de antemão polêmico, convocando o leitor a mergulhar no universo das práticas cotidianas que sedimentam e atualizam a chamada “dominação masculina”. As reflexões de Bourdieu partem, inicialmente, da discussão sobre os princípios e valores subjacentes ao senso comum, indutores por excelência de preconceitos e classificações naturalizados da vida social. Indaga o autor: por que a ordem do mundo, com suas relações de dominação, perpetua-se tão facilmente, tornando as condições de vida aceitáveis? Essa é uma questão que percorre parte significativa de sua produção acadêmica, voltada para entender a objetividade do mundo social, não só com base nas estruturas, mas na introjeção de valores e esquemas mentais de pensamento historicamente construídos. Nessa direção, a dominação masculina é abordada como parte de um contexto mais abrangente da ordem social, que é o local de onde brotam formas outras de dominação.

O enfoque sobre a dominação masculina, através de uma abordagem ampla que ultrapassa as convencionais relações de gênero, constitui a dimensão original do livro que almeja contribuir para o conhecimento das estruturas cognitivas e estruturas objetivas de uma sociedade “androcêntrica”.

Outros referentes conceituais servem de subsídio às argumentações construídas por Bourdieu para explicar a dominação masculina: o poder simbólico, que se exerce nas palavras, gestos e expressões rituais e as estratégias de reprodução do mundo social, que se fundam no plano simbólico, mas se centralizam através de diferentes instituições como o Estado, a fa-

DE PIERRE BOURDIEU

A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, 60 p.

POR IRLYS ALENCAR FIRMO BARREIRA

Doutora e Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC.

mília, a escola etc. Assim, a divisão dos sexos que parece estar na ordem das coisas, está na realidade, incorporada ao mundo social através do *habitus* dos agentes, funcionando como sistema de percepção, pensa-

mento e ação. A naturalidade de que se reveste a dominação masculina evidencia-se, de fato, pela dispensa de justificação. Impõe-se como neutra.

Desde os primórdios a ordem masculina se inscreve nos corpos através de injunções e rituais de exclusão das mulheres. Os ritos de instituição do masculino efetivam-se através de operações de diferenciação: a separação do mundo materno. A virilização é a negação da parte feminina no masculino, sendo a circuncisão o coroamento da construção do masculino. Existe assim, um trabalho de desfeminização contrário ao trabalho exercido sobre as mulheres, onde o ensino das boas maneiras é carregado de uma ética, uma política, uma cosmologia. Encontramos em Bourdieu a assertiva já explicitada por Simone de Beauvoir de que a mulher não nasce mulher, torna-se mulher. A construção da diferença entre o masculino e o feminino está, portanto, circunscrita a um trabalho de classificação, separação e, sobretudo, ocultação dos mecanismos básicos de diferenciação.

Se a dominação masculina adequa-se à ordem simbólica do mundo social, seus mecanismos efetivos de atuação ocorrem através de uma submissão paradoxal, resultante do que o autor denomina de violência simbólica, isto é, a violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas e exercida pelas vias mais sutis de dominação. A perspectiva de desvelamento e denúncia dessa questão partiria, nesse sentido, da devolução à *doxa* de seu caráter parado-

xal, demonstrando os mecanismos responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural. Um processo de desconstrução de princípios percebidos como sendo naturais e verdadeiros deveria guiar, segundo Bourdieu, o pensamento do investigador, comprometido por um lado, com a elucidação de fatos históricos, e por outro, com a descoberta do lado menos visível da dominação.

Em termos metodológicos, é necessário observar alguns limites à observação desse tema. Bourdieu atenta para o fato de que homens e mulheres estão inscritos no objeto a ser apreendido, o que faz com que o pesquisador incorpore as estruturas históricas da ordem masculina ou da submissão feminina. O autor ressalta, portanto, a necessidade de uma estratégia prática para efetivar uma objetivação do sujeito da investigação científica: explorar, com base em Durkheim, as formas de classificação com as quais construímos o mundo.

As idéias de Bourdieu alimentam-se de fontes criativas que aliam etnografia e escrita literária. Nesse sentido, a obra de Virgínia Wolf que aponta a dominação masculina presente nos espaços de consagração ritual serve-lhe de inspiração. Em uma passagem do livro de Virgínia Wolf, *Passeio ao farol*, destaca-se a visão de um olhar masculino que Bourdieu toma como expressão paradigmática de uma forma consagrada de pensar e atuar no mundo social. A essa inspiração agregam-se registros oriundos de pesquisas etnográficas que servem de suporte essencial às suas reflexões sobre as formas simbólicas de dominação. Diz o autor: “eu não seria capaz de recuperar em *Promenade au phare* (Passeio ao farol) a análise do olhar masculino que a obra encerra se não a tivesse relido com o olhar informado pela visão cabília”. A etnografia sobre Cabília, região situada na Argélia, apresenta a realização paradigmática da tradição mediterrânea baseada nas condições de honra, poder e dominação masculina. Nada pode substituir, e o autor afirma a tradição etnográfica, o estudo direto de um sistema que ainda está em funcionamento e que permaneceu à margem de interpretações semi-eruditas por não haver uma tradição escrita. Em Cabília,

as diferenças sexuais permanecem imersas no conjunto de oposições que organizam todo o cosmos. Há uma sacralização da topologia sexual do corpo socializado. O movimento para o alto associado ao masculino como a ereção ou posição superior no ato sexual. Outras oposições homólogas integram o plano das topologias sociais alçadas à condição de naturalidade: alto, baixo, em cima, embaixo, frente atrás, direita esquerda, reto, curvo, fora, dentro.

É a forma de captura das estruturas mais profundas de dominação que singulariza a análise de Bourdieu, claramente baseada na busca de “formas primitivas” de organização do mundo. A análise etnográfica das estruturas objetivas e das formas cognitivas da sociedade histórica, específica, íntima e familiar dos berberes de Cabília funciona como instrumento de um trabalho de socioanálise do que Bourdieu denomina de “inconsciente androcêntrico”. A explicitação das categorias desse inconsciente permite entender que os camponeses de Cabília mantinham inalteradas as condutas e discursos dotados de estereotipagem ritual, representando uma forma paradigmática de visão falonarcísica e de cosmologia androcêntrica.

Esses esquemas registrados como diferenças de natureza contribuem para a naturalização dos fatos sociais, sendo incessantemente confirmados pelo ciclo do mundo e todos os ciclos biológicos cósmicos. Assim, a relação social de dominação não emerge unicamente da consciência. Tal constatação, não restrita à sociedade Cabília, serve de referência à premissa do autor sobre a sutileza e a incorporação através do *habitus* das estruturas mais profundas de dominação. O sistema mítico ritual desempenha um papel equivalente ao que incumbe o campo jurídico nas sociedades diferenciadas: os princípios de visão e divisão ajustados às divisões já existentes, consagrando e oficializando a ordem estabelecida.

As performances masculina e feminina que servem de base à explicação das diferenças se deixam guiar pelos princípios de visão e divisão inscritos na linguagem comum. Assim, as discussões sobre as diferenças entre inteligência masculina e inteligência feminina caracte-

rísticas de agressividade e medo terminam, na nossa sociedade, naturalizando e cristalizando diferenças que, embora produzidas culturalmente, são postuladas como biológicas e denegadas como construção histórica.

As reflexões de Bourdieu rompem com alguns supostos críticos já consagrados a respeito da dominação masculina. Trata-se da crítica ao discurso feminista que restringiu a relação de dominação apenas na esfera doméstica, descurando-se de olhares sobre a escola ou o Estado, que também exercem domínio dentro do universo mais privado. A dominação masculina, na perspectiva do autor, não está confinada à relação de poder de um sexo sobre outro. Incrustada no contexto mais amplo da ordem social, transforma os próprios homens em vítimas constrangidas pela tensão afirmadora da virilidade. Correlata a essa erudição emergem situações de medo e angústias advindas da ameaça de exclusão do mundo dos homens. Nessa perspectiva, Bourdieu afirma que “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante de outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (p. 67).

As formas de dominação masculina estão referenciadas na teoria do poder simbólico que se exerce por uma via de mão dupla, à medida que os dominados aplicam aquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação, fazendo de seus atos de conhecimento atos também de reconhecimento e dominação. A chamada intuição feminina terminaria, na visão do pesquisador francês, sendo a lucidez especial dos dominados. Através da violência simbólica, as mulheres aplicam a toda realidade as relações de poder nas quais se vêem envolvidas, reproduzindo esquemas de pensamento que são produtos da incorporação dessas relações explicitadas nas oposições vigentes na ordem simbólica. O efeito da dominação simbólica não está na lógica pura das consciências, mas através de esquemas de ação, avaliação, percepção e ajustamento inconsciente de projetos às probabilidades. A escolha de carreiras “tipicamente femininas” ou o universo

das renúncias faria parte de um cálculo implícito de adequação entre desejo e realidade. Bourdieu indaga o porquê das escolhas profissionais femininas ou da restrição de mulheres em cargos de mando político.

As idéias de Bourdieu mantêm diálogos com teorias já sedimentadas na literatura sobre o campo da sexualidade. As discussões de Lévi-Strauss sobre o tabu do incesto, como ato fundador do social, servem de referência à sua análise, acrescida, no entanto, da ressalva crítica de que as mulheres em situações de troca matrimonial são negadas enquanto sujeito, fazendo dessa transação a ocultação de uma dimensão política.

O diálogo do autor com a psicanálise efetiva-se através do reconhecimento do papel do inconsciente nas práticas sociais. Aqui, a noção de inconsciente, diferentemente da psicanálise, não se restringe a um caráter individual ou psicológico consonante com uma estrutura universal. Não é o falo e a falta que são fundamentos da visão de mundo androcêntrica, e sim essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais (masculino e feminino), institui o falo como símbolo de virilidade. Argumenta Bourdieu, que a força particular da “sociodicéia masculina” é proveniente da acumulação e condensação de operações que se reforçam mutuamente: legitima-se uma relação de dominação, inscrevendo-a em sua natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.

Os indícios dessa construção naturalizada são evidentes em múltiplas dimensões da vida cotidiana onde emergem as tarefas de “feminização” do corpo da mulher, as vocações classificadas como tipicamente femininas (secretária, por exemplo), os espaços de poder atribuídos fundamentalmente aos homens e os valores incorporados nos gestos e atitudes da educação cotidiana. A ruptura com os esquemas construídos e sedimentados tem seu quinhão a saldar. Desse modo, as mulheres que atingem cargos altos têm que “pagar” o sucesso profissional com menor sucesso doméstico. Em outros campos de atuação, a recusa aos papéis convencionais gera rejeição e preconceito.

A elucidação dos pilares que instituem as formas de dominação masculina não levam Bourdieu à constatação da impossibilidade de reversão desse quadro. Se a complexidade da questão remonta à busca de dominação nos espaços menos visíveis, emerge a tarefa de reconstruir a “história do trabalho histórico de des-historização”, ou seja, a própria gênese das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina. Nesse campo de investimento, fatores de mudança estão em curso, evidenciando transformações em diferentes esferas. Trata-se do fato de que a dominação masculina já se coloca como objeto público de discussão, destacando-se também o aumento objetivo do acesso de mulheres à instrução, os novos modelos de sexualidade encontrados nos homossexuais, o aumento de mulheres em postos intelectuais e funções caracterizadas pela venda de serviços simbólicos (jornalismo, televisão, cinema).

No curso de tais mudanças o livro de Bourdieu representa uma contribuição relevante ao desvendamento das formas cotidianas de dominação. Sua escrita a partir de um ponto de vista feminino quebra a tradição corporativa dos

estudos de gênero, caracterizados muitas vezes por apelos emocionais ou ressentimentos. Alguns pontos polêmicos do argumento de Bourdieu podem ser discutidos.

A percepção do lugar de dominação como estando na esfera mais ampla da ordem social objetiva e subjetiva, se, por um lado, aprofunda a explicação sobre a sociedade androcêntrica, por outro, remete ao risco do ciclo permanente da reprodução de valores. Um olhar sobre as práticas relacionais entre os sexos poderia apontar conflitos ou paradoxos existentes entre submissão e ruptura. Ressalta-se, assim, a necessidade de se observar a dominação masculina menos como uma postulação teórica *a priori*, do que como hipótese a ser repensada no plano concreto de diferentes contextos. A forte percepção etnográfica de Bourdieu certamente concordará com a idéia de que as formas de dominação são contraditórias e variáveis. Os supostos gerais são, assim, guias de reflexão e não afirmação de um invariante comportamental. Aliás, uma das mensagens fundamentais do livro é a indicação da importância de se refletir sobre os processos históricos que sedimentam as diferentes formas de dominação.